

MODA E COSTURA COMO VIÉS PARA A INCLUSÃO SOCIAL

FASHION AND SEWING AS BIAS FOR SOCIAL INCLUSION

Liana Miranda Chaves, liana__chaves@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a moda e a costura como fatores de inclusão social de uma classe trabalhadora: as costureiras moradoras do Bairro São José, em João Pessoa, Paraíba - Brasil.

Palavras- chave: Moda. Costura. Exclusão/Inclusão Social.

ABSTRACT

This work aims to analyze fashion and sewing as a mean of social inclusion. This is done considering the seamstress working class at the São José neighborhood in João Pessoa, Paraíba - Brazil.

Keywords: Fashion. Sewing. Social Inclusion. Social Exclusion.

Introdução

O estado de exclusão é um conceito tão antigo quanto a humanidade e está muito em voga no momento atual. Refere-se a processos de segregação justificados sob diferentes causas, tais como: padrões econômicos, gênero, religiosos, saúde, político etc. Atualmente, o tema exclusão tem se destacado nos meios de comunicação de massa, principalmente nos horários de maior audiência, onde políticos e formadores de opinião falam a mesma língua, o mesmo acontecendo na mídia escrita. Os noticiários, em horários de pico, tratam os excluídos e sua miséria com imenso calor e quase escárnio.

Em todo o mundo, mais precisamente nos países em desenvolvimento, o aumento da população fora do mercado de trabalho tornou visível o empobrecimento acentuado de uma parte considerável da população em relação à prosperidade de uma outra fatia. Coloco-me ao lado de Christopher McCall (1997), quando define a exclusão como uma condição, um estado, que atinge uma pessoa em dez, *'a qual é condenada a viver fora dos muros da cidade'*, indo mais além quando diz que *'recorre-se à compaixão e, sobretudo à cotização – para canalizar e impedir que essa exclusão em massa se amplie*

entre nós, como se fosse possível resolver a questão através de cotizações regulares de um número de ‘almas boas’.

Segundo Heleieth Saffioti, uma pesquisa que *‘olha’* o trabalho da mulher, costureira e que trabalha na informalidade é *‘triplamente maldita’*. Uma porque *‘incide sobre uma categoria de sexo – mulher, largamente injustiçada’*; outra *‘traz à luz as condições de trabalho de certos segmentos da classe trabalhadora’* e a terceira e última *‘revela a clandestinidade consentida de uma parcela ponderável das atividades econômicas que, supostamente, já deveria ter sido incorporada pelo setor chamado ‘setor moderno’ da economia’*. (SAFFIOTI, apresentação in SOUZA, 1987).

Refletindo sobre estes conceitos, resolvi aprofundar e debruçar-me sobre o tema, tomando como foco principal de minha pesquisa as profissionais da costura, uma categoria que tem sido (e provavelmente ainda seja) pouco analisada. Tomei o bairro São José, na cidade de João Pessoa, Paraíba, como referência por ser um espaço ímpar no desenho da cidade e estar incrustado entre bairros de classe média e alta, que são os bairros de Tambaú, Manaíra, Bessa, Brisa Mar e João Agripino, de onde provém o maior número de demanda pelo serviço das costureiras.

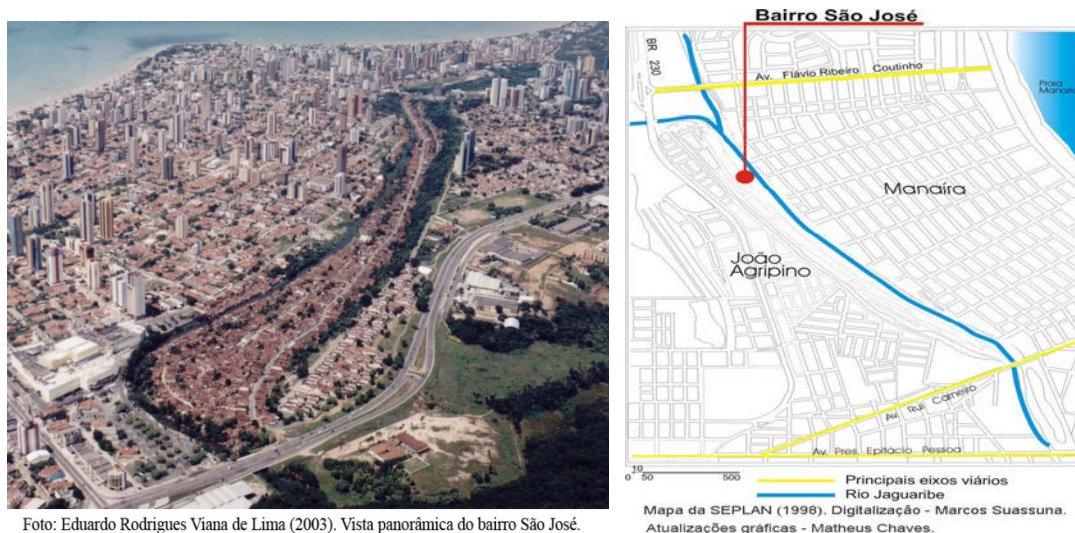
Ao longo de toda minha vida, lidar com costura foi uma constante, visto ter sempre presente ao meu redor pessoas ligadas a esse trabalho, o que me fez desde cedo perceber nuances desses cotidianos ligados a este ofício-arte. Assim, nunca ficou muito claro como uma profissão que exige tanta dedicação e criatividade remunera tão pouco e deixa na obscuridade quem de direito deveria brilhar nas vitrines da moda. Somando-se a esses fatos, meu interesse por esse estudo foi motivado também por desenvolver a algum tempo pesquisas sobre moda, costura, a arte e técnica do vestuário.

Em 1985, comecei a lecionar na Universidade Federal da Paraíba, no então Departamento de Artes e Comunicação, atualmente Departamento de Artes Visuais. Desde 1993, coordeno o Laboratório de Artes Gráficas (LAG) onde ministro a disciplina de Oficina de Gravura no Curso de Graduação em Licenciatura Plena de Educação Artística e cursos de extensão permanente em Estamparia em Tecido. A disciplina de Gravura em seu conteúdo programático contempla o ensino de processos e técnicas de impressão em tecido. E, ao longo da minha vida acadêmica, para complementar minha formação, participei

de cursos rápidos e palestras sobre moda e costura. Realizei o curso de Especialização em Design de Moda, na UFPB em 1989, dessa forma, sempre que posso encontro-me ao redor da moda e costura.

O bairro São José: suas casas, pregas e alinhavos.

Figura 01 e 02. Vista aérea e Mapa com indicação do Bairro de São José.



A história do bairro São José revela que antes de ser um bairro já foi a favela Beira-Rio, que começou a se formar no ano de 1968. É oportuno lembrar que ainda em 1975, aquele espaço em que hoje se encontra o bairro São José, era conhecido como a favela Beira-Rio. Em 1980 foi criada a Associação de Moradores União Beira-Rio quando inúmeras reivindicações foram feitas aos poderes públicos e em 1985, aquele espaço foi promovido a bairro.

O ritmo acelerado de urbanização das cidades traz entre outros fatores, o debate sobre a questão da relação do homem com o meio físico-ambiental, moradia digna para todos, espaço público etc. A grande ausência e ineficácia das políticas públicas e urbanas, o processo de ocupação espacial sem nenhum controle, geralmente em áreas de risco tem como consequência o agravamento do desequilíbrio econômico e social. Tais fatores são causadores da exclusão social e precária qualidade de vida da maioria da população. Este é o cenário do bairro São José, ou simplesmente - o Bairro, como é conhecido que, apesar de ser reconhecido como tal, apresenta claramente características de favela.

O Bairro, está localizado numa área intra-urbana das mais valorizadas da cidade de João Pessoa, tendo como entorno imediato, bairros de classe média e alta, sendo considerado 'intruso' no tecido urbano, criando com esta proximidade um profundo contraste urbano na paisagem da região. Ocupa uma faixa estreita e longa de aproximadamente 2.6 km de comprimento por 75m na sua maior largura, acompanhando o rio Jaguaribe que é seu limite de um lado e do outro, a falésia, barreira natural que se apresenta em destruição. Como se trata de uma ocupação espontânea possui moradias precárias com níveis de insalubridade gritante, sem espaços de sociabilidade, alta densidade construtiva e demográfica e condições de habitabilidade precárias. Devido à forma vertiginosa em que se deu sua ocupação fez do mesmo, uma das localidades que possui a maior população de assentamento subnormal da cidade de João Pessoa contando atualmente com aproximadamente 17 mil habitantes (CARDOSO, 2007) hoje 2016, ultrapassa os 25 mil habitantes.

Não é sem motivo que a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), através do Fundo Empreender-JP, constituiu em 2009 a instituição da moeda Beira-rio; que tem como objetivo principal fazer com que esse dinheiro apenas circule dentro do bairro, gerando novos empregos, pontos comerciais e conseqüentemente mais renda para os seus moradores, uma vez que o forte da moeda social é que ela passa a desenvolver empreendimentos dentro da própria comunidade. A intenção é fazer com que os moradores do bairro passem a criar associações cooperativas, viabilizando uma rede de compras, onde existe a possibilidade concreta dos produtos poderem ser vendidos por preços mais baixos.

O Averso da moda: as costureiras

As costureiras do bairro São José foram escolhidas como o sujeito desse trabalho porque esta categoria está inserida, do ponto de vista socioeconômico, na produção informal, caracterizada pelo trabalho autônomo. Suas realidades e trabalhos me emocionam não só pela dureza e sacrifício de suas vidas, mas também e, principalmente, por me remeterem às minhas origens, uma vez que sou neta de uma costureira, minha querida 'vovó *Mocinha*', que com muito esforço, amor e muita esperança criou meu pai e seus cinco irmãos de sangue e mais uns tantos de coração, apenas com sua

costura e costurados com a agulha do carinho, uma vez que meu avô Antônio José faleceu antes que ela desse à luz ao filho caçula.

De um modo geral, a preocupação primeira dos fabricantes da produção de vestuários atende especificamente aos anseios da população de média e/ou alta renda. Empresários que geralmente, são os contemplados com incentivos ou políticas públicas, empréstimos bancários etc. Em contrapartida há uma parcela da população economicamente desprivilegiada – as costureiras, por exemplo, que raramente são inseridas nos tais programas, simplesmente pelo fato de não possuírem uma comprovação de renda, escolarização compatível ou na maioria das vezes por completa desinformação.

Estas profissionais são na maioria das vezes advindas de famílias que vivem em situações economicamente desfavorecidas, o que implica em subsistir sem usufruir dos direitos mais elementares para a sobrevivência do ser humano como saúde, habitação, educação, segurança, lazer, entre outros e guiadas pela necessidade de sobrevivência e de manutenção de suas famílias, transformam seu próprio espaço familiar em precários locais de trabalho. Espaços, muitas vezes, já impróprios para a própria moradia, visto serem, na maioria, área de ocupação ilegal, espaço pequeno em relação ao número dos que o habita, sem contar com a deficiência alimentar, falta de assistência médica e social, além de uma sobrecarga exaustiva de horas de trabalho *'em cima'* de uma máquina de costura.

Meu contato com essa população somada à reflexão e observação do seu cotidiano, levou-me a refletir que a costura assume posição de elemento explicativo, sendo uma importante fonte de informação sobre a história destas pessoas, bem como a dimensão de suas realidades sociais. Mais que isso, revela como elas se vêm no conjunto da sociedade, quais espaços lhes são reservados, mas que apesar de tudo, sonham, e seus sonhos são grandes, são altos.

Para Gilles Lipovetsky (1989), a moda é um *'assunto que não se encerra no vestir, mas está interligado ao bem-estar, ao consumo e à mídia'*, acrescentando *'não ser possível compreender a evolução da sociedade, sem dar importância à moda, à sedução, ao luxo'*. Portanto, é indiscutível que se quero compreender a sociedade, trabalharei a moda como meu objeto de estudo. Para o conhecimento deste tão fascinante retalho da nossa sociedade,

pretendo ir em busca de quem fica nos bastidores – as costureiras – que tornam realidade os ideais dos *designers* e estilistas. São pessoas, geralmente, de famílias das camadas populares de baixa renda, financeiramente marginalizada, que vivem em constante contradição – convivem com o luxo, mas não fazem parte dele, seus cotidianos são totalmente opostos ao das pessoas que lhes procuram para consertar seus sonhos de consumo.

Com o avanço tecnológico surgiu a produção do vestuário em série, o que baixou consideravelmente a procura pela costura artesanal unitária, uma vez que a moda apresentada pela mídia aponta que todos devem se vestir da mesma forma – tornando esta moda mais prática e acessível. Neste momento, as costureiras são bastante procuradas para fazer os ajustes das peças produzidas em série e vendidas nas lojas onde o indivíduo passa a usar um traje igual, massificado.

Examinar, de forma crítica, o papel da moda e principalmente da costura na exclusão e inclusão das costureiras na sociedade me permitiu investigar o quanto a tecnologia, através da moda, reflete o drama destas pessoas, a princípio, espoliadas pela sociedade. Entretanto, acredito que a moda e a costura poderão ser fatores de inclusão efetiva destas profissionais na sociedade, porque o que acontece, atualmente, é que, por vezes, suas inclusões são passageiras, ou seja, uma inclusão inspirada pela necessidade, quase que descartável: *'precisou, chama... não precisa mais, dispensa'*.

A indústria da moda é como qualquer outra, mas acredito que ela é uma das mais poderosas de todas. É ela quem dita desde o que deve ser consumido, o que deve ser usado e apresentado não apenas no item vestuário, mas desde o desenho das fachadas das residências até a disposição dos móveis e seus utensílios etc. nas indústrias, no comércio, até os itens mais íntimos da vida das pessoas. A moda está em todas as camadas e em todos os acontecimentos societários, ela traduz a cultura do povo e a identidade deste povo, muitas vezes, está no passear pela moda.

Assim, a realização desse trabalho tem como objetivo primeiro, analisar a moda e a costura como fator de inclusão social das costureiras residentes no Bairro de São José em João Pessoa, Paraíba, e como objetivos específicos: examinar a questão da moda e o seu papel social; traçar o perfil das costureiras moradoras do bairro São José; identificar as características de

quem utiliza seus serviços e como se efetiva as relações comerciais entre as costureiras e seus clientes; verificar qual o tipo de trabalho é mais solicitado pela população que a elas se dirige, o que as costureiras mais gostam de realizar e o que mais fazem em se tratando da costura; identificar como as costureiras se auto definem no espaço que ocupam na sociedade e seus sonhos de realização.

A metodologia qualitativa foi priorizada por permitir a apreensão dos significados do fenômeno social, segundo a ótica dos sujeitos pesquisados. Utilizei como instrumento de pesquisa, entrevistas individuais e semiestruturadas que foram gravadas e posteriormente transcritas nas quais as informantes discorreram livremente sobre as perguntas-chaves que muitas vezes provocavam novas questões, além de observações da situação real da atividade da costura. Fotografei seus ambientes de trabalho e suas residências.

Inicialmente fiz o levantamento preliminar da situação atual do bairro São José e localizei as costureiras. Estas informações me foram passadas pelos próprios moradores do bairro, uma vez que não existe cadastro de registro dessa atividade na Associação de Moradores ou em qualquer outro setor. Deste levantamento foram identificadas treze costureiras que concordaram de imediato e entusiasticamente em participar desta pesquisa que contemplou todo o universo existente.

O costurado e o descuzido da moda, pela linha do meu olhar.

As treze profissionais entrevistadas são costureiras. A costura artesanal ainda é básica e prioritariamente uma atividade praticada por mulheres. Ao contrário dos estilistas que, por algum tempo, foram maioria na profissão. A divisão sexual do trabalho é baseada em que 'certas tarefas', a doméstica, por exemplo, a costura, o bordado entre tantas outras são inerentes à mulher, se praticadas por um homem, ele não é 'macho', embora isto esteja se modificando a cada dia.

Nenhuma delas nasceu na cidade de João Pessoa e todas vieram dos interiores da Paraíba, do Rio Grande do Norte e de Pernambuco. Disseram que gostam muito de costurar, algumas disseram 'adorar', e não gostariam de maneira nenhuma de ter outra profissão. A faixa etária das costureiras varia de

39 a 63 anos de idade, sendo que oito tem entre 40 e 44 anos, e as outras cinco cada uma delas tem 39, 52, 53, 62 e 63 anos.

Quanto ao estado civil, das treze, onze são casadas das quais dez vivem com seus maridos e, uma, o marido encontra-se preso; uma é separada e outra é solteira, entretanto, possui uma companheira. Com relação à escolaridade, apenas uma costureira é analfabeta, três são analfabetas funcional, conhecem 'algumas palavrinhas simples', oito tem o primeiro grau incompleto e apenas uma possui o segundo grau incompleto.

De acordo com o tempo que se dedicam à costura, onze iniciaram o aprendizado na infância ou na adolescência, só duas na idade adulta. Cinco aprenderam a costurar com a mãe, três aprenderam sozinhas, duas fazendo vestidinhos para as bonecas, duas fizeram cursos de corte e costura e uma aprendeu vendo as amigas vizinhas costurarem. Das treze costureiras entrevistadas, duas disseram que ainda não conseguem viver do seu ofício; duas começaram a viver da costura aos 32 anos e as outras começaram com 18, 21, 22, 23, 24, 30, 34, 42 e 47 anos de idade. Entretanto, é interessante que fique bem claro que o "viver da costura" é quando elas começaram a ganhar dinheiro pelo trabalho, uma vez que antes este não era remunerado, era feito para a família, um vizinho, um amigo. Atualmente, elas complementam, ou também contribuem com a renda familiar, com exceção de uma que é a mais nova delas, que a costura é a principal renda da família.

Em se tratando de filhos, a costureira que é solteira é a única que não possui. Uma costureira tem uma filha; três têm dois filhos, sendo que uma possui duas filhas, outra possui dois filhos e a outra possui um casal; quatro costureiras têm três filhos, sendo que uma tem três filhas (duas delas já estão na universidade e a outra se prepara para fazer o ENEM), outra tem três filhos, uma tem duas filhas e um filho e a outra tem uma filha e dois filhos; a mais nova das costureiras possui cinco filhos dos quais três são mulheres e dois são homens; duas das treze costureiras tiveram seis filhos, uma delas (que é a mais idosa) perdeu um filho quando o mataram - ela tem uma filha e cinco filhos, a outra tem três casais de filhos; e apenas uma das costureiras teve nove filhos, '... assim: um aborto e oito de tempo' sendo cinco filhas e três filhos. Das treze costureiras apenas duas costureiras não tiveram filhas.

Suas filhas 'fazem de um tudo': estudam, trabalham em setores públicos e privados, levam e trazem as costuras para suas mães, compram os aviamentos necessários para o trabalho da costura, vão aos bancos para efetuarem as transações comerciais exigidas pela costura, feitas por suas mães, etc., mas não sabem 'pregar um botão', palavras de algumas costureiras quando são interrogadas sobre o porquê de suas filhas não as ajudarem no ofício da costura. Uma análise fria da questão é capaz de alguém apressado concluir que a costura artesanal está na eminência de desaparecer, uma vez que é sintomática a verificação em cima dos fatos de que as costureiras estão ficando e são idosas. Nenhuma tem menos de trinta e oito anos, pois a mais nova tem trinta e nove, e segundo ela, 'tô pertinho dos enta', ou seja, dos quarenta anos. Elas, ao contrário das filhas, aprenderam, na maioria, com suas mães, vizinhas, nos vestidos das bonecas, etc., já as suas filhas, têm como aprender, mas acredito que não veem a costura com o mesmo entusiasmo que suas mães viam, uma vez que a costura, literalmente, tem cada vez mais ficando escassa, e o conserto e reforma não têm a mesma sedução que a costura.

Elas, as filhas, diferentemente de suas mães, têm outros sonhos, como uma falou – 'Talvez eu trabalhe com costura, mas fico só até o desenho, quero ser estilista, costureira não, não quero ser, é muito trabalho pra pouco dinheiro'. O certo é que realmente é muito trabalho para uma remuneração tão pequena, uma vez que tanto para o conserto como para a reforma elas não podem, cobrar um preço maior, pois o cliente não paga, uma vez que já pagou na ocasião em que adquiriu a peça.

As costureiras que entrevistei têm muito claro que depois que as lojas de departamento e outras no gênero chegaram à cidade – com preços populares e pagamentos divididos em cartões da própria loja, com designer atual, entretanto, copiado das grandes grifes nacionais e internacionais, oferecendo peças que 'estão na moda' e com artistas famosos como modelos, repetindo a moda que a televisão 'impõe' nas suas novelas – tudo isso que alavanca suas vendas, diminui na mesma proporção o trabalho das costureiras uma vez que, além da praticidade da compra pronta (que muitas vezes nem precisa de algum conserto), a roupa torna-se bastante em conta, apesar da baixa. Entretanto, esse fator, na maioria das vezes, nem é levado em consideração, pois muitos

jovens, por exemplo, preferem estar sempre mudando o visual, e utilizam esses artefatos como um tipo de roupa quase descartável, aliado, ao consumismo, muitas vezes exagerado e sem limite, e esse sentimento vem bem a calhar nesse momento quando acredito e posso bem comprovar nas suas falas que 'o luxo é ser feliz!'

Com relação à questão residencial, dez costureiras possuem residência própria enquanto que três residem em espaços alugados (uma inclusive reside em uma casa cedida por um parente, e ainda não começou a pagar aluguel).

Com relação ao atelier, seis das costureiras possuem ateliês nas próprias residências, enquanto que quatro não possuem – uma costura no quarto, outra na sala e duas no terraço; uma aluga um espaço perto da sua casa e duas possuem ateliês no mesmo terreno que estão suas residências. O local de trabalho com a costura são espaços, na maioria das vezes bastante insalubre como suas próprias residências. São todos cobertos com telha canal, apenas um possui laje, entretanto só este detalhe não o diferencia na simplicidade e pobreza dos outros. Alguns são mais arrumados e limpos, outros nem tanto. Notei que metade delas prima para melhor apresentar seus ambientes de trabalho a outra metade nem se dá conta deste fato. Todas elas possuem pelo menos duas máquinas: costura reta e *overlok* portáteis. Quatro delas possuem além das duas principais, a galoneira. Uma possui entre suas máquinas uma costura reta industrial e outra possui duas semi-industriais entre seu maquinário de trabalho.

Com relação ao processo de trabalho é fato que todas gostam e muitas vezes amam o que fazem: elas costuram. Todas elas dizem costurar qualquer coisa. Onze das treze costureiras falam gostar de costurar o que mais está na moda por ser mais criativo que o conserto e a reforma. As outras duas gostam de customizar, pois acreditam que seja isto o que há de mais criativo na costura. Algumas têm suas especialidades - uma costura para homens, outra moda praia, outra moda íntima, outra alta costura onde os vestidos são de tecidos finíssimos. Entretanto, exceto uma costureira que tem uma pronta entrega, e outra que trabalha como diarista em um atelier de alta costura em Tambauzinho, todas durante o ano todo fazem consertos e reformas, que são os trabalhos mais solicitados.

Com relação à freguesia, todas costumam para os vizinhos do Bairro, com exceção das duas costureiras citadas anteriormente, devido as suas especificidades. Três costumam apenas para a vizinhança e oito costumam tanto para a vizinhança como para os clientes dos bairros vizinhos, embora algumas não gostem de trabalhar 'pros de Manaíra por que... 'ô povinho pra chorar na hora de pagar'. Ficou bem claro que existe uma grande resistência por parte dos moradores dos bairros vizinhos em adentrarem no Bairro, por medo da violência ou por puro preconceito, o fato é que, a freguesia extra bairro São José, não traz suas encomendas de costura pois ou mandam por algum morador do Bairro ou a costureira vai ou manda alguém pegar. Não é sem razão que uma costureira se queixa de se sentir desigual, 'desprezada' uma vez que 'minhas patroas de Manaíra, faz anos que costuro pra elas... mas só conheço pela voz... eu nunca vi elas... elas manda pelas meninas daqui, e telefona... aí diz é assim... é assim, e eu faço igualzinho como elas quer... depois elas liga e diz que ficou bem bom... é assim, é bom saber que fiz direitinho... mas é triste'.

É interessante frisar que o que é mais solicitado pelos vizinhos são os consertos e reformas e os dos bairros vizinhos são as costuras.

Outra coisa que me chamou bastante à atenção foi a atitude de uma costureira. A entrevista já havia acabado, estávamos na calçada e ela me confidenciou que também pode trabalhar como diarista, quando 'a situação tá preta', e outra, eu já estava no carro, quando ela veio ao meu encontro e disse que poderia também trabalhar 'na diária quando não tivesse costura em vista', e que seu dia era entre R\$ 80,00 e R\$ 100,00 'dependendo do serviço e do material'. Com relação à forma de pagamento, dez costureiras recebem o pagamento pelas suas costuras em dinheiro, apenas três recebem tanto em dinheiro como em cheque. Com relação ao "calote", três costureiras afirmaram que existe, cinco disseram que para elas não existe e as outras cinco disseram que existe, mas é pouco.

Das treze costureiras entrevistadas, apenas uma participa de um projeto governamental, o Empreender-JP, outra não quer participar, entretanto onze se mostraram interessadas em se inserir em algum programa deste tipo. Talvez a não participação delas nesses planos se deva à falta ou baixa instrução de escolaridade, pois elas escutam através do rádio e da televisão, mas não

entendem que podem ser uma das participantes, se sentem inferior, diminuídas, e não se colocam, não vão à luta se candidatar a um empréstimo, pois já se sentem desclassificadas, isto quando se imaginam querendo.

Com relação ao sonho de morar em outro local que não no bairro São José, dez das costureiras entrevistadas são enfáticas em querer sair do Bairro, 'pra o mais longe possível daqui', algumas falaram isso porque é evidente que 'existe muita discriminação devido à violência que tem aqui', disseram outras; das dez, uma sonha em ir para o Bessa, duas para Manaíra, três para Mangabeira, uma no bairro das Indústrias, duas no João Agripino, e uma diz que 'quero ir pra qualquer bairro, desde que seja o mais longe daqui'. Três das treze costureiras não querem sair do bairro onde moram, pois gostam e são felizes ali mesmo.

Com relação ao sonho de mudança do atelier ou espaço de trabalho para outro local, das treze costureiras entrevistadas, duas que possuem atelier em casa, uma quer continuar no Bairro da mesma maneira que está e a outra sonha em morar em outro bairro e deixar seu atelier onde está. Duas que não possuem atelier, uma costura na sala e a outra no seu quarto. A que costura na sala, sonha em possuir um atelier no Bairro e a que costura no quarto sonha em morar no Bairro das Indústrias e montar seu atelier no local onde mora atualmente, pois é uma casa grande 'vai dar certinho, pois aqui sou conhecida demais, devido a minha costura, minha freguesia é quase todinha daqui', disse. As outras nove, querem muito ter o atelier em outro bairro.

Com relação ao sonho de melhorar o seu padrão de vida através da moda e costura, doze foram categóricas em acreditar que sim, apenas uma, a mais idosa, diz que seu padrão de vida só melhoraria se ela se aposentasse.

Com relação à jornada de trabalho, as costureiras entrevistadas possuem várias - entretanto, ficou bem claro, a justaposição de duas principais tarefas que são a costura mais o serviço doméstico. São jornadas várias e variadas. São domésticas – cozinham, varrem, arrumam, lavam, passam, cuidam dos filhos, às vezes dos netos, costumam 'pros de casa só quando não pegam costura de fora', etc. evidentemente sem remuneração, pois estes, não são considerados trabalhos, são como uma obrigação, um 'destino'. As mulheres sempre estão trabalhando quando estão em casa, cotidianamente... é só estarem em casa. São mães, são esposas, são costureiras (apenas duas

possuem ajudantes em seus ateliês) e... são mulheres. Conciliam tudo o que fazem. Correm para um lado... correm para o outro. Têm que dar conta de tudo, inclusive e principalmente da questão financeira... são verdadeiras heroínas como quase todas nós, mulheres.

No entanto, no meu estudo é obvio que verifico a extensão e intensidade da jornada de trabalho das costureiras, e a desproteção legal em que vive esta categoria de trabalhadoras, dificuldades em serem reconhecidas e respeitadas enquanto profissionais sem direito a mais recursos e quase nenhum lazer.

Arremates finais

Moda e costura, para mim, são artes distintas, muito embora inseparáveis quase que dependentes uma da outra, entretanto a moda não se encerra no vestir, na costura. Moda é o efeito colateral das transformações, costumes e comportamentos de uma sociedade. Como nossas vidas, nossas culturas, nossas histórias 'as modas' são completamente heterogêneas. A moda vive e convive em harmonia com outras artes, não existindo a boa e a má, a bonita e a feia, ela existe e já basta, ela é ela.

Minha pesquisa analisou como as costureiras que residem no bairro São José, na cidade de João Pessoa - Paraíba, cujo trabalho é informal e autônomo, se veem dentro deste universo, como são suas realidades e sonhos que, apesar de tudo, sonham grande e bem alto. Ficou evidente que a moda e a costura, para elas, são fatores de inclusão social desde que estejam residindo e com seus ateliês montados em outro local, fora do Bairro, uma vez que detêm uma mão de obra específica, de boa qualidade e excelente acabamento.

Todas elas se sentem excluídas, uma vez que suas clientes extra-bairro não as procuram em suas casas ou ateliês, por receio, medo ou preconceito de entrarem no Bairro. Convivem constantemente com um contraste, um dilema. Costuram, customizam, reformam e consertam coisas de luxo, bom gosto e muitas vezes caros, enquanto que no seu cotidiano o que existe é a pobreza, miséria, fome, necessidade. Carecem de tudo! São pobres, se sentem desamparadas, expostas à própria sorte. As políticas públicas fazem muito pouco em prol delas. As costureiras precisam de espaços adequados e

funcionais para trabalharem. Precisam de muitas dessas coisas e talvez até mais para elevarem suas autoestimas e poderem, enfim, colocar em prática seus sonhos, que, como já disse, possuem muitos.

Duas propostas se apresentam: uma visualiza a inclusão social com uma economia solidária via cooperativismo, onde a meta é o fortalecimento do coletivo solidário, defendido e recomendado por Singer (2000). Como exemplos de organizações em cooperativa que estão dando certo a Coopa-Roca (da Favela da Rocinha) e a Daspu (das Prostitutas) ambas no Rio de Janeiro. O sistema em cooperativa é basicamente o de transformar o trabalho informal em formal e a pequena produção em média ou grande. Em um empreendimento como este, é necessário que haja confiança mútua e solidariedade irrestrita entre as participantes cooperadas.

A outra, é uma proposta de inclusão social com a perspectiva de fortalecer individualmente o pequeno investidor capitalista, o Sebrae-empresendedorismo. O Sebrae como parceiro é o exemplo do que acontece em Cuiabá, no Mato Grosso, onde um grupo de 50 costureiras integra o Programa de Capacitação das Costureiras. Elas estão descobrindo que seus trabalhos podem trazer mais renda e tirá-las da informalidade, com a criação de identidade para a produção em série e conseqüentemente, preços mais competitivos e maior visibilidade aos produtos.

Neste sentido, como proposta inicial, a gestão pública atual da Prefeitura Municipal de João Pessoa (Secretaria de Desenvolvimento Social – Diretoria de Economia Solidária) poderia comparecer, proporcionando a criação de um espaço específico e adequado, com a função de agrupá-las em um ambiente próprio às necessidades do exercício da profissão, e que de preferência não estivesse distante fisicamente do Bairro, a fim de não dificultar as atividades domésticas básicas que são atribuídas às costureiras como donas-de-casa.

Espero, com essa iniciativa, ter contribuído de alguma maneira para que outras pessoas se debrucem sobre os temas aqui abordados no intuito de aprofundar mais nas questões que por ventura ficaram sem respostas definitivas ou concretas. Entretanto, nunca é demais insistir, que depois deste estudo, continuarei acreditando que a moda, assim como a costura podem e devem ser elementos de inclusão social para esta categoria – as costureiras, ficando este trabalho, como uma declaração de carinho e admiração por estas

e outras tantas profissionais anônimas que se dedicam de corpo e alma a este maravilhoso e apaixonante ofício que é a costura.

Referências

- ABREU, Alice Rangel de Paiva. **O avesso da moda**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARTHES, Roland. **Sistemas da moda**. Trad. Maria de Santa Cruz. São Paulo: Edições 70, 1967.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Trad. Artur Morão. São Paulo: Edições 70, 1981.
- BRITO, Vanessa. **Moda é ótima alternativa para geração de renda e cidadania**. Disponível em <<http://asn.interjornal.com.br/noticia.kmf?noticia=2834316&canal=201>> acesso em 04/04/2007.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Trad. Cristiana Coimbra. São Paulo: Ed. SENAC, 2006.
- DÓRIA, Carlos Alberto. **A “língua do p” na moda**. Disponível em <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2715.1.shl>>, acesso em 20-01-2007.
- FROMENT, Jean-Louis et al. **Fashion passion: 100 anos de moda na OCA**. São Paulo: Brasil Connects Cultura, 2004. Catálogo.
- CARDOSO, Fábio. Bairro vai ter moeda própria em JP. **Jornal Correio da Paraíba**, Caderno Economia, E5, Domingo, 22 de abril de 2007, João Pessoa, Paraíba.
- COMINI, Rita. **Costureiras ganham mercado e aumentam renda**. Disponível em <<http://asn.interjornal.com.br/site/noticia.kmf?noticia=5302915&canal=200&total=477...>> acesso em 31/10/2006.
- LIMA, Marco Antonio Suassuna. **Morfologia urbana, qualidade de vida e ambiental em assentamentos espontâneos: o caso do bairro São José – João Pessoa – PB**. Dissertação. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MANZATTI, Marcelo. **A moda da Rocinha ganha o mundo pelas tramas das artesãs da Coopa-Roca**. Disponível em <www.overmundo.com.br/blogs/a-moda-da-rocinha-ganha-o-mundo-pelas-tramas-das-artesãs-da-coopa-roca> acesso em 13-05-2007.
- MCALL, Christopher. **Os muros da cidade: territórios de exclusão e espaço de cidadania**. Sem local, sem editora, 1997.
- SINGER, Paul. O trabalho informal e a luta da classe operária. Mapa do trabalho informal. **Coleção Brasil Urgente** (publicação da CUT). São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2000.
- SOUZA, Gilda Mello. **Espíritos das roupas: a moda do século XIX**. Companhia das Letras, 1987.
- WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de sonhos: moda e modernidade**. Lisboa: 1989.